

ÍNDICE

Prefácio	II
Explicação	15
1. O ódio a si mesmo	17
2. A memória do sangue.....	33
3. Entre a vida e a morte.....	49
4. O tango a três.....	67
5. Trinta por uma linha.....	75
6. A arte da fuga	91
7. O que arde cura.....	105
8. A prova da rua	119
9. A terra prometida	131
10. O tempo conspira.....	145
11. Actos falhados	159
12. Catherine de novo	173
13. Israel, minha vaga estrela	187
Posfácio	217

CINEFILIA E MARRANISMO

Tratando-se dum livro sobre um dos mais interessantes realizadores cinematográficos mundiais do século XX, François Truffaut, um daqueles cujo cinema continuará sempre a ser visto e revisitado com renovada curiosidade, o livro que o leitor vai de seguida ler é obra dalgumé que ama profundamente o cinema.

Não pense porém o leitor que esse amor se prende com qualquer especialização profissional ou mesmo com alguma ligação especial e continuada ao meio cinematográfico. Como o autor nos conta logo no pórtico do livro os seus títulos de nobreza nesse capítulo são de puro amador – um avô arrumador de sala de cinema e uma avó dispondo dum livre-trânsito para frequentar uma das mais antigas salas de Lisboa.

É por força desse amor de puro amador, onde nenhuma vantagem material se mescla e onde nenhum interesse ou hábito académico se imiscui, que o autor deste livro nos afirma nesse mesmo pórtico, porventura com manifesto exagero, que não é um “cinéfilo”. Cinéfilo será, se cinefilia for o amor desinteressado mas consciente pelo cinema.

Sem outros títulos que os dos avós, que embora estimáveis são pouco representativos, a sua cinefilia é a dum autodidacta que fez todo o seu tirocínio longe das obrigações académicas e dos cálculos da indústria cultural. A cinefilia de Pedro Martins resulta só do anonimato em que vive o casulo que é a sala de cinema – essa tela de sombra e de escuridão onde se projectam todos os sonhos. Não é por acaso que o sujeito deste seu livro, François Truffaut, enquanto cineasta, foi a sós consigo, sem mestre designado, que sonhou, aprendeu e realizou a sua arte que tantos e tão admiráveis frutos deu.



EXPLICAÇÃO

Em *L'Histoire de Adèle H.*, de François Truffaut, a trágica heroína interpretada por Isabelle Adjani declara denunciar a impostura do registo civil. Como quase sempre sucede com os filmes do cineasta, é dele que, no fundo, nos falam as suas principais personagens. Nesta longa-metragem de 1975, a filha de Victor Hugo não fugiu à regra.

Não será hoje segredo para ninguém que o pai biológico do realizador não era Roland Truffaut. E que François seria, quase seguramente, filho de um judeu de origem sefardita, natural de Baiona. Logo que tal facto, de presumível fecundidade, se tornou conhecido do público, pôde ser atendido pelos estudiosos e motivou mesmo importantes ensaios que, a essa nova luz, vieram reavaliar, global ou parcialmente, a sua obra cinematográfica.

Faltava, todavia, subir o rio caudaloso do tempo contra a força da sua corrente e procurar extrair consequências da ascendência cristã-nova de Truffaut, que o vai, de resto, vincular remotamente a terras de Portugal e de Espanha. Procurar, assim, entrever nas vinte e tal películas que nos deixou o trânsito mnésico sedimentar que nelas foi depositado pelos traumas da sua progénie conversa. E sondar a uma nova luz o drama de uma vida e de uma obra cujos fios luminosos a tesoura da Parca veio tão tragicamente cortar.

A escrita deste ensaio teve o seu início poucos dias depois de o seu autor visitar, em preito de homenagem ao cineasta, a sua campa no cemitério de Montmartre, em Paris. E ficou concluída três meses depois, no final da semana em que se comemorou o quadragésimo aniversário



1.

O ÓDIO A SI MESMO

Um autodidacta que se odeia.

François Truffaut empregou repetidamente esta fórmula para a si mesmo se definir. Fê-lo, pelo menos, três vezes – ao longo da década de 50 do século passado.

A primeira vez foi no início do Outono de 1951, nas laudas de um *Diário* que, sob a influência de Jean Genet, em circunstâncias crucianas, vinha mantendo desde Agosto desse ano.

A segunda, numa carta, datada de Abril ou Maio de 1955, para o Padre Jean Mambrino.

A terceira, *circa* Agosto de 1959, numa outra carta, dirigida a Jean Cocteau.

A insistência em tão violenta expressão dá que pensar.

Não é, por certo, pelo seu autodidactismo que o autodidacta afirma odiar-se. Na verdade, esse autodidactismo será a resposta ao apelo profundo do que nele, desde muito cedo, se constituiu como uma vocação apaixonada e, por isso, inexorável: o cinema e a literatura. Isso mesmo se percebe, quanto à sétima arte, pela leitura da carta, há pouco referida, para Jean Mambrino, membro da Companhia de Jesus, escritor, poeta e crítico literário e teatral na revista jesuíta *Études*, que Truffaut conhecera no ano anterior, nos *Cahiers du cinéma*, por intermédio de André Bazin:

No fundo, sou muito primário, muito inculto (não tenho orgulho nisso); tenho apenas a sorte de ter um pouco o sentido



7.

O QUE ARDE CURA

Freud distingue duas espécies de efeitos nas situações traumáticas que estão na origem dos fenómenos neuróticos. Interessam-nos, aqui, sobretudo os efeitos *positivos*, aqueles que «representam esforços para reanimar o trauma, quer dizer, para recordar a vivência esquecida ou, melhor ainda, para a tornar real, para poder vivenciar de novo uma réplica da mesma»¹⁶¹. Deste ponto de vista, a enfermidade – entenda-se: a neurose – declarada por aquela sintomatologia poderá ser considerada «como uma tentativa de cura, como um esforço para voltar a conciliar com os restantes elementos as partes do *ego* cindidas pelo trauma, fundindo-as numa poderosa unidade face ao mundo exterior»¹⁶².

Nada, na ideação desenvolvida em *Moisés e a Religião Monoteísta*, parece prejudicar a extensão destas considerações à análise dos traços mnésicos de origem traumática adquiridos por herança arcaica. De outro modo, seria, aliás, difícil de entender que o mestre austríaco aspirasse a «abordar os povos de maneira idêntica ao que se faz para o indivíduo neurótico»¹⁶³.

Assim, à luz do que vem de ser dito, bem se entende que François Truffaut, em *L'Amour en fuite*, tenha revisitado, em *flashback*, os episódios da saga de Antoine Doinel cuja significação marrana se revela mais intensamente significativa, e que em seguida iremos abordar. Cada um

¹⁶¹ Sigmund Freud, *Moisés e a religião monoteísta*, p. 114.

¹⁶² *Idem*, p. 117.

¹⁶³ *Idem*, p. 150.

